

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**EMANUELA URRUTIA ROCHA**

**ISOLAMENTO SOCIAL:  
DOS MANUSCRITOS DIARÍSTICOS DO CONFINAMENTO DE GUERRA,  
ATÉ AS ESCRITAS ATUAIS DO ISOLAMENTO PANDÊMICO**

**Bagé  
2023**

**EMANUELA URRUTIA ROCHA**

**ISOLAMENTO SOCIAL:  
DOS MANUSCRITOS DIARÍSTICOS DO CONFINAMENTO DE GUERRA,  
ATÉ AS ESCRITAS ATUAIS DO ISOLAMENTO PANDÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Miriam  
Denise Kelm

Bagé  
**2023**

R672i Rocha, Emanuela Urrutia

Isolamento social: dos manuscritos diarísticos do confinamento de guerra, até as escritas atuais do isolamento pandêmico / Emanuela Urrutia Rocha.

55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Diário. 2. Literatura Confessional. 3. Anne Frank. 4. Amanda Foschini. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**EMANUELA URRUTIA ROCHA**

**ISOLAMENTO SOCIAL: DOS MANUSCRITOS DIARÍSTICOS DO CONFINAMENTO DE GUERRA, ATÉ AS  
ESCRITAS ATUAIS DO ISOLAMENTO PANDÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras Português e Literaturas de Língua  
Portuguesa, da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

Orientador

(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rego

(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 20:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 20:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 20:31, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1337563** e o código CRC **12591062**.

Referência: Processo nº 23100.025990/2023-61 SEI nº 1337563

Dedico este trabalho à minha  
querida filha Gabrielle Mesquita e a  
todos os amantes de escritas diárias.

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar a Deus, pela saúde e renovação de força a cada dia.

Em especial à Prof. Dr.<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm, minha orientadora e maior incentivadora deste estudo.

Ao excelente coletivo de professores da Unipampa - Campus Bagé e aos coordenadores e orientadores que fizeram parte desse percurso.

A todos os colegas de graduação, em especial aos amigos veteranos de curso, que me acolheram, dispondo seu tempo e conhecimento.

À minha família pelo apoio, paciência e compreensão de minha ausência em certos momentos.

*“Eu posso fazer você chorar,  
Trazer quem foi  
esquecido,  
Fazer você sorrir e reverter o tempo.  
Eu me formo em um instante e duro  
A vida toda, eu Sou a Memória!”  
Edward Nigma (Gothan)*

## RESUMO

Nesta pesquisa fazemos uma breve apresentação do “Diário de Anne Frank”, escrito de próprio punho e uma das obras mais lidas desde sua publicação em 1947, além de enfocarmos assuntos pertinentes ao isolamento social, o confinamento em um esconderijo a partir de 1942 até sua prisão e deportação aos campos de extermínio nazista, durante a II Guerra Mundial. Discorreremos também sobre as especificidades do gênero diário presentes na produção escrita de Anne Frank, passando pelas suas questões mais emocionais e racionais até os aspectos mais práticos relacionados à vida no anexo. Também apresentamos a obra “Respira: Diários da Pandemia”, escrito por uma jornalista, a brasileira Amanda Foschini, durante a Pandemia de COVID-19 (2020-2023), quando enfrentou o isolamento, na Espanha, em específico na cidade de Barcelona e sem a presença de familiares, em que a autenticidade de suas postagens em meio digital se vale, enquanto diário contemporâneo, de um projeto editorial sofisticado e artístico quando publicado na forma impressa. Pela representatividade das obras, realizamos uma comparação e revisão da Literatura Memorialista e Confessional e como suas manifestações, estruturas e elementos colaboram para a organização dos sentimentos/pensamentos. A escrita diarística colabora com as sobreviventes, separadas uma da outra por oitenta anos, com histórias diferentes, a pesquisa tenta entender o cotidiano em tempos difíceis. Utilizamos para embasamento teórico deste trabalho autores como: Phillipe Lejeune (2008), Eunice Cabral (2009), Harald Weinrich (2001), Paul Riccouer (2007), Alba Olmi (2006), Santo Agostinho (1999) e Georges Gusdorf (1995). Além de fazer as análises documentais e significativas, bem como a revisão bibliográfica para alcance do objetivo proposto.

**Palavras-chave:** Diário. Literatura Confessional. Anne Frank. Amanda Foschini.

## ABSTRACT

In this research we make a brief presentation of “Anne Frank’s Diary”, written by her own hand and one of the most read works since its publication in 1947, in addition, to focusing on issues pertinent to social isolation, confinement in a hiding place from 1942 until her arrest and deportation to Nazi extermination camps during World War II. We also discuss the specificities of the diary genre present in Anne Frank’s written production, going through her more emotional and rational issues to more practical aspects related to life in the annex. We also present the work “Respira: Diários da Pandemia”, written by a journalist, the Brazilian Amanda Foschini, during the COVID-19 Pandemic (2020-2023), when she faced isolation, in Spain, specifically in the city of Barcelona and without the presence of family members, in which the authenticity of its digital posts relies, as a contemporary diary, on a sophisticated and artistic editorial project when published in print. Due to the representativeness of the Works, we carried out a comparison and review of Memorialistic and Confessional Literature and how its manifestations, structures and elements contribute to the organization of feelings/thoughts. Diary writing collaborates with survivors, separated from each other for eighty years, with different stories, the research tries to understand everyday life in difficult times. For the theoretical basics of this work, we used authors such as: Phillippe Lejeune (2008), Eunice Cabral (2009), Harald Weinrich (2001), Paul Riccoeur (2007), Alba Olmi (2006), Santo Agostinho (1999) and Georges Gusdorf (1995). In addition to carrying out documental and significant analysis, as well as bibliographical review to achieve the proposed objective.

Keywords: Diary. Confessional Literature. Anne Frank. Amanda Foschini.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 SOBRE A LITERATURA MEMORIALISTA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Especificidades do Diário.....</b>	<b>21</b>
<b>3.0 O “DIÁRIO DE ANNE FRANK” .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 O Medo.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 A Convivência.....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 A Educação.....</b>	<b>28</b>
<b>3.4 O Afeto.....</b>	<b>29</b>
<b>3.5 As Roupas.....</b>	<b>29</b>
<b>3.6 A Limpeza.....</b>	<b>30</b>
<b>3.7 O <i>Delivery</i>.....</b>	<b>30</b>
<b>3.8 O Tempo .....</b>	<b>31</b>
<b>3.9 Os <i>Pets</i>.....</b>	<b>32</b>
<b>4 “RESPIRA: DIÁRIOS DA PANDEMIA” .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 O Medo.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2 A Convivência.....</b>	<b>38</b>
<b>4.3 A Educação.....</b>	<b>40</b>
<b>4.4 O Afeto.....</b>	<b>41</b>
<b>4.5 As Roupas.....</b>	<b>42</b>
<b>4.6 A Limpeza.....</b>	<b>43</b>
<b>4.7 O <i>Delivery</i>.....</b>	<b>44</b>
<b>4.8 O tempo .....</b>	<b>45</b>
<b>4.9 Os <i>Pets</i>.....</b>	<b>47</b>
<b>5 NOVOS SUPORTES QUE AJUDAM A CRIAR UM DIÁRIO.....</b>	<b>49</b>

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de TCC tem como objeto de estudo a obra “O diário de Anne Frank” (1947), da mesma autora, suas características e inserção na Literatura Memorialista, a fim de melhor compreender o cotidiano de pessoas que sobreviveram a períodos de isolamento social marcados na escrita e no tempo. Tentamos aproximar a obra com o ressurgimento dessa prática escrita durante a Pandemia de COVID-19 (2020-2023). Fizemos a contraposição com a obra “Respira: Diários da Pandemia”, de Amanda Foschini, que reúne suas memórias através de suas postagens diárias pelos primeiros 80 dias de isolamento, feita em versão digital, na Plataforma “*Instagram*”, desde o pronunciamento de confinamento feito pelo Presidente da Espanha, com início deste em 15 de Março de 2020. Mais tarde viria a publicação em livro impresso em 2021.

Este trabalho se justifica pela possibilidade de estudar um gênero textual com uma longa tradição, que possui um formato próprio de escrita, sendo essa atividade, segundo Lejeune (2008), pautada por uma necessidade:

Somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou de 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória (de tal forma que ninguém mais poderá ler meu diário como eu. (Lejeune, 2008, p. 261).

Para o desenvolvimento, foi realizada uma pesquisa de textos referentes ao tema em que as sobreviventes de situações extremas relatam o dia-a-dia e como foi passar por momentos difíceis.

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar mais profundamente o “Diário de Anne Frank” e “Respira: Diários da Pandemia” bem como as funções que ele desempenhou para as jovens que o escreveram e como esses diários ajudaram a suportar os momentos de isolamento. Além disso, buscamos entender o ressurgimento da prática desse gênero em tempos de confinamento de Pandemia de COVID-19, um evento histórico-sanitário que assolou a população mundial entre os anos de (2020 – 2023).

Dentre os objetivos específicos estão: - Analisar “O Diário de Anne Frank” com o aporte teórico da literatura acerca da escrita autobiográfica e memorialista; - Compreender as características próprias da escrita de diário no que diz respeito ao processo de produção e de funções que o diário cumpre para quem o produz; - Obter esclarecimentos para compreender melhor quais os motivos que levaram tantas pessoas a escrever diários durante o período pandêmico em pleno século XXI; - Divulgar e estimular a leitura e escrita de diário para a formação de um leitor.

Como introdução, utilizamos a obra “O diário de Anne Frank”, escrita desde 1942 e publicada em 1947, e para isso escolhemos a versão própria do diário na sua 47ª edição de 2017.

Também marcando essa delimitação, estudamos a recente obra “Respira: Diários da Pandemia”, escrita por Amanda Foschini, lançada em 2021 em livro impresso e que antes disso teve seu lançamento diário na plataforma *Instagram* exatamente nos primeiros dias que se seguiram à Pandemia de COVID-19: em 15 de março de 2020. Pretendemos, com este estudo, esclarecer alguns aspectos sobre o crescimento e retomada do gênero diário durante o período pandêmico.

Apesar de ser graduada em Educação Física pela Universidade da Região da Campanha – Urcamp desde 2014, ingressei na Unipampa no Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa no ano de 2018/2, pois vi esta porta aberta como um grande desafio. Estando já em reta final de curso, dediquei-me inteiramente a este trabalho que, além de um assunto de sobrevivência passado de geração em geração, tornou-se para mim uma emocionante oportunidade de exploração.

Nesta pesquisa quero mostrar meu amor pela escrita de diário que surgiu há mais de 20 anos na minha vida, quando pela primeira vez comecei a trabalhar e senti a necessidade de colocar no papel todos os meus rendimentos e gastos. Depois disso nunca mais me vi sem um diário, mesmo em épocas de dificuldades financeiras um caderno de espiral mesmo que serviu para o mesmo fim. A paixão por este estilo de escrita já havia começado.

Quando participei do Programa de Residência Pedagógica que a Universidade me proporcionou em parceria com a Escola Municipal Dr. Darcy Azambuja, na cidade de Bagé RS, escola que fica na periferia e que é

considerada de difícil acesso, tive a oportunidade de fazer um trabalho autoral, isto é, pude escolher os conteúdos e o método utilizado, e, lá estava eu envolvida novamente com o gênero diário, o que me permitiu explorar ainda mais este assunto com os alunos do 9º Ano Fundamental, com os quais trabalhei durante a Pandemia de COVID-19, com aulas remotas e totalmente *on-line*, o que foi uma experiência enriquecedora.

A Pandemia modificou diversos aspectos do cotidiano trazendo muita dor, justamente numa fase da adolescência que é definidora para o futuro. Senti que estava ajudando a suportar o fardo deles, quando ouvi a frase de uma aluna a me dizer –“Não sabia que eu podia escrever sobre mim”, isso fez com que todo meu esforço e desempenho naquele trabalho valessem a pena. Foi demonstrando segurança que eles puderam abrir o coração e escrever tranquilamente, com a certeza de que as escritas iriam ficar somente entre eles e a professora. Em tempos como o da Pandemia, se fez necessário resgatar o vínculo de confiança e eles ficaram bem à vontade para escrever sobre si.

Os assuntos de guerra também sempre estiveram presentes na minha família desde que tenho conhecimento, por ler, questionar e acima de tudo, ouvir bastante, posso tentar compreender o que uma guerra pode causar. Lembro bem de minha bisavó quando nos reuníamos e ela a contar seus tristes momentos e de como os antepassados vieram fugindo da Guerra contra Aguirre (1864-1865), uma disputa de território entre uruguaios com vitória brasileira, assim acabaram chegando ao Brasil, país que os acolheu. Ora, para alguém que nasceu em 1907, ela vivenciou as duas Guerras Mundiais, passou por muitas privações e escassez de comida; ainda na sua adolescência, como filha mais velha teve que trabalhar desde menina para ajudar no sustento, além de fazer o parto de sua irmã caçula. Já na minha infância lembro-me da divisão de comida na mesa em que geralmente a vó, por ser a matriarca da família, era quem servia a todos, e na hora do café contava e dividia as bolachas de igual forma para todos os primos, até para os que poderiam chegar mais tarde, era separada a sua porção. Só mesmo alguém que passou necessidade de alimentos age dessa forma e o amor por ela era tão imenso, que ninguém retrucava ou pedia por mais, pois sabiam que ela absorveu na pele um instinto de sobrevivência.

Essas lembranças vieram à tona, quando em questão da Pandemia de COVID-19 os alimentos encareceram nas prateleiras do mercado e eu precisei me organizar para não faltar nada a minha família.

No primeiro capítulo que vem a ser de número 2, apresentamos a Literatura Memorialista de modo geral e dentro deste mesmo capítulo partimos para as especificidades do gênero Diário. No terceiro capítulo, fazemos uma apresentação, pois, trata-se de um resumo parcial da obra “O Diário de Anne Frank”, pois, seu diário e alguns manuscritos soltos em folhas foram achados, por acaso, quando Miep (secretária assistente da empresa de Otto), além de amiga e frequentadora da casa dos Frank, teria terminado a guerra, ela foi a primeira pessoa a ter voltado à empresa Opekta S.A., (lugar onde se produzia a “pectina” que servia para engrossar geleias), em especial ao anexo onde o encontrou e guardou. Otto Frank (dono da empresa e pai de Anne e Margot, fora libertado de Auschwitz em janeiro de 1945, mas como estava muito debilitado devido às péssimas condições), ficou internado em hospital soviético por meses, na cidade de Marselha, França, (se recuperando), os amigos não sabiam quem e se havia sobreviventes da família Frank. Até que certo dia ele bateu na porta da casa de Miep e Gies (casal que ajudou os Franks no anexo). Para tanto foram analisados alguns tópicos confidenciais na escrita da jovem Anne Frank. No quarto capítulo, abordamos o diário “Respira: Diários da Pandemia”, onde os mesmos tópicos se tornaram pertinentes, principalmente, durante a Pandemia. No quinto capítulo, fazemos um breve resumo de como as plataformas digitais colaboram para dar conta dessa demanda diária, nos dias atuais. E no sexto capítulo se encontram as considerações finais desta pesquisa.

## 2 SOBRE A LITERATURA MEMORIALISTA

Por volta do século IV, na Grécia antiga, diversos mitos e histórias começavam a se perpetuar através da oralidade, isto é, sabedoria passada de geração em geração. Em virtude do politeísmo dominante e ausência de método científico preciso para comprovar o funcionamento do mundo. Dentre os muitos “ditos”, acreditava-se que existia um deus responsável para cada elemento do cotidiano, a saber, alguns exemplos: um deus para o mar, outro para a guerra e até mesmo um para administrar as almas no pós-vida. Estes dados estão dispostos na rede virtual.

Partindo do que até então se tem conhecimento sobre a Memória, conhecida na mitologia grega com o nome de Minemósine, este nome é dado à filha de Gaia (Terra) e Urano, é a personificação da memória que tem relação com o patrimônio cultural da humanidade. Irmã de Cronos (deus do Tempo) é constantemente ameaçada por este “devorador”, mas se preserva graças à habilidade na Escrita, por meio da linguagem. Ao se tornar esposa de Zeus (deus supremo do Olimpo), deram origem a 9 musas, sendo elas: Urânia, musa da astronomia; Melpômene, musa da tragédia; Polímmínia, musa da poesia; Terpsícore, musa da dança; Érato, musa da poesia erótica; Talia, musa da comédia e das festas; Calíope, musa da poesia heroica; Euterpe, musa da música, e a Clio, musa da História. Todas representantes de uma área específica do conhecimento. Esta última, sua representação mais famosa, carrega um livro de Tucídides (historiador grego e um dos pais da história junto com Heródoto – responsável por escrever a guerra do Peloponeso). Conforme Tortorette, em sua mão direita carrega uma trombeta, cabe a ela propagar e celebrar realizações.

Ora, quando falamos de memória não se pode deixar de lado a divindade feminina da mitologia, que está associada a um rio do Hades, cuja água era bebida pelas sombras dos mortos para esquecer o que haviam sido em vida. Temos Lete, a (deusa do esquecimento), vem da linhagem da Noite e é filha da deusa Discórdia. Pois, como reafirma Harald Weinrich:

Ninguém está a salvo do esquecimento. Todos já passaram pela experiência de ter esquecido uma coisa ou outra, ou mesmo de ter esquecido completamente muito do conhecimento arduamente

adquirido. Ninguém pode permitir-se dizer levemente: É inesquecível! Isto eu jamais esquecerei. (Weinrich, 2001, p.11).

Alguns séculos depois, por volta de 354 d.C. - 430 d.C. na idade média, um estudante de gramática latina, conhecido por Agostinho, abre uma escola de Retórica, em Cartago. Em meio ao seu trabalho de vida, converte-se ao Cristianismo em 386, quando retorna a Hipona, é ordenado e passa a fazer divulgação de escritos dogmáticos, morais, exegéticos e pastorais. Em 411, participa de uma conferência pública de bispos, que discutem os problemas da Igreja e suas relações com os poderes públicos. Ali sua presença e atuação são de tamanha importância para esse religioso fervoroso e até então convicto de suas ideias e princípios, quando ele está exaltando cada uma das nossas capacidades (visão, olfato, e outros) chega ao assunto da memória e nos surpreende, pois necessitamos de um sentido para encontrarmos as lembranças que por muitas vezes são esquecidas, em suas escritas ele testemunha:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está escondido também tudo o que pensamos... também os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo... se é que o esquecimento ainda não o absorveu e sepultou. (Santo Agostinho. 2004, p. 200).

Para a Literatura memorialista o esforço da memória agregada ao esforço da escrita forma uma unidade, logo a subjetividade se faz presente, revelando sua complexidade, e é exatamente aí quando o que é narrado alcança dimensões estéticas e históricas. “A simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa, a iniciativa da busca está na dependência de um poder buscar o que é nosso”. (Ricoeur, 2007, p. 37).

Esses desdobramentos foram ganhando formas ao longo do tempo e assim chegamos às suas classificações; para entender melhor, temos dentre os gêneros mais destacados as cartas (uma das modalidades textuais mais antigas), uma manutenção de diálogo pela forma escrita entre duas pessoas; o autorretrato ou ensaio (retrato feito por um indivíduo de si mesmo) podendo ser

uma pintura, gravura ou descrição escrita ou oral; as memórias que para serem escritas não precisam seguir uma linha temporal; as autobiografias (partem de um desejo de revisitar um percurso de vida e tem a promessa de verdade aos demais); biografias (narrativas) de uma experiência de vida feita sobre pessoas importantes ou conhecidas socialmente, por terceiros; os diários que são relatos em 1ª. Pessoa do singular, com demarcações temporais contínuas de experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos e fatos do cotidiano; e as narrativas de cunho biográfico-híbridas (é uma mescla de fatos vividos contendo muitas vezes uma linguagem subjetiva, em que o leitor precisa de certo esforço para interpretá-los), e ainda uma parte da ficção contemporânea (onde os elementos biográficos não são camuflados, mas sim integrados plenamente, admitindo-se que o esquecimento, ou a lacuna da informação, são completados com a imaginação). Estes conteúdos foram retirados conforme slides apresentados em aula de Literatura Memorialista.

Para a Literatura Autobiográfica ou confessional, considera-se o texto que tem como centro a expressão da intimidade e está ligado ao sujeito que tem a si mesmo como objeto de conhecimento. Pela perspectiva da fé cristã é visto como prática para o aperfeiçoamento da pessoa. Já de outro modo pode ser visto como justificar-se aos olhos dos outros, uma prática comum por vários períodos literários e históricos. Com a Declaração dos Direitos do Homem aprovada em Assembleia Geral Constituinte da França em 1789, foi que a Literatura Confessional fica demarcada como produção típica da modernidade e com ela o princípio da expressão da subjetividade. Para Cabral (2009), ao analisar as “Confissões” de Jean-Jacques Rousseau, (explicar essa informação) que é autor de uma obra precursora da literatura psicológica e confessional moderna, “*Les Confessions*” de (1782), afirma a centralidade do “seu eu” um “homem em toda a verdade da natureza”, quando diz:

É um olhar sobre si mesmo marcado por uma sinceridade que ultrapassa tudo quanto se conhecia até então em matéria de humildade e de renúncia pessoal. Não se trata já de um homem frente ao julgamento divino, mas de um ser humano perante a hipocrisia da ordem social e as adversidades da existência. (Cabral, 2009).

Entende-se por confessional a literatura do eu, pelo fato do narrador ser autodiegético, ou seja, ele ainda é o autor - responsável pelo próprio registro de suas experiências e sendo, simultaneamente, o personagem central da narrativa.

## **2.1 Especificidades do Diário**

Partindo da definição de autobiografia, por Lejeune, é preciso que haja uma relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. O autor por definição é a pessoa real, socialmente responsável e produtor do seu discurso. Para que haja um pacto autobiográfico (entre autor e leitor), pressupõe-se a aceitação da identidade entre a autoria e o narrado, simultaneamente com a sinceridade da exposição. (Lejeune, 2008, p. 23- 53).

Gusdorf define diário como um livro aberto com uma sequência de instantes e a autobiografia, segundo o autor, é um livro fechado, proveniente de uma elaboração do passado que geralmente inicia na infância, não possuindo um fim preciso, oferece, no entanto um desfecho ou uma espécie de saldo a respeito da vida. Para o autor, a “autobiografia está relacionada a uma lógica de identidade própria da fase adulta, o diário representa o próprio adolescente em seus conflitos, pois narra o dia-a-dia”. Assim, a unidade de um diário será sempre temporal, isto é no tempo em que é escrito, seu método de escrita não necessita de continuidade, o que o deixa livre para escrever sobre o seu momento/sentimento. (Gusdorf, 1991).

Dentre as muitas funções do gênero diário, Lejeune elabora e expõe algumas delas classificando como categorias funcionais que o diário exerce e cumpre a quem o escreve (Lejeune, 2008, p. 261-264):

A conservação da memória em um diário é, antes de qualquer coisa, poder revisitar o passado com o intuito de resgatar um detalhe ou informações de um determinado momento, podendo fazê-lo quantas vezes quiser. É a maneira de deixar a memória viva.

A alimentação de um diário pode significar a sobrevivência ao longo do tempo, a forma de trazer à lembrança o que está no passado, e contribui para um autoconhecimento futuro.

O diário é o nosso maior amigo, aquele inseparável, no qual podemos falar de todo e qualquer assunto, desde nossos sentimentos mais guardados, emoções, tristeza, ganhos e perdas, sem constranger a outros. A prática da escrita, bem como da leitura do que se escreve, é uma forma de desabafar, “botar para fora”, tudo aquilo que nos aprisiona, e melhor, sem medo de julgamentos. É uma breve fuga da realidade, um momento único, que garante a certeza de não “explodir”.

O papel é o nosso reflexo no espelho, onde nos é permitido olhar para dentro de nós, através de nossa imagem, como um mergulhar em si mesmo, com a possibilidade de rever os conceitos do passado e ter a chance de reverter certas atitudes no presente.

Tanto a prática de escrever, como a reflexão que se faz no diário, faz com que consigamos nos desprender daquilo que éramos antes. Algumas escolhas que fizemos em um determinado momento, podem se tornar frustrantes ou causar uma dor irreparável. É nesse ponto, que reconsideramos e traçamos o futuro.

A escrita em diário serve para nos dar o apoio, a esperança, o ânimo, é o “aguentar” um pouco mais, e assim poder resistir às situações adversas que o “viver” nos impõe.

O diário faz com que sejamos mais livres em nosso pensamento, mantem a mente aberta para podermos expressar nossa criatividade, refletindo sobre as coisas que nos rodeiam e só assim atingir um determinado objetivo.

O diário só existe porque alguém aprecia a prática de escrevê-lo. O papel sobrevive a quem escreve, mesmo que este não queira se deixar ver, mas que escrevendo, pretende deixar seu registro de que esteve ali.

Usaremos essas categorias funcionais, pois se relacionam com o “Diário de Anne Frank” e com a obra “Respira: Diários da Pandemia”.

A prática do diário tornou-se um alento para Anne Frank e Amanda Foschini e essa necessidade voltou com muita força, só que atualmente em formas diversas de expressar o cotidiano, sendo assim novas ferramentas tornaram-se mais populares, como *podcasts* e *blogs* além de *vlogs* - gravação de vídeo e áudio em tempo real, ou seja, as pessoas inovaram seus diários, que agora podem ser em formato digital, mas ainda há quem prefira o diário na forma tradicional escrita e registrada em caderno.

A escrita em diário é um documento vivo que, em geral descreve os fatos do cotidiano, tais como são e serve para questionar e/ou refletir mais sobre certos assuntos. Anos se passaram e estas práticas de escrita se tornaram muito atuais para o momento em que a COVID – 19 tornou o mundo um lugar perigoso para se viver; frases como “quando será que poderemos respirar ar puro de novo?” se tornaram uma questão para a humanidade. Veja o trecho, a primeira frase do diário da obra a ser analisada: “Espero contar tudo a você como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de consolo e ajuda”, de 12 de junho de 1942. (Frank, 2017, p. 13). Já para Amanda, nas escritas do primeiro dia, expressa que queria fazer coisas que normalmente não fazia por falta de tempo, uma delas foi, “ficar horas de preguiça na cama” ou fazer projetos “Usaria esse tempo para fazer tudo o que preciso/quero, mas que sempre deixo pra lá quando a vida acontece lá fora”. (Foschini, 2021, p. 08).

Olhando atentamente o gênero diário, a Literatura Memorialista lida principalmente com fatos memoráveis e a escrita contribui com a construção dessa memória, além de exercer outras funções.

### 3 O “DIÁRIO DE ANNE FRANK

O “Diário de Anne Frank”, com 373 páginas, traduzidas para o português desde 1995, as escritas são muito comoventes que vão desde a falta de alimentos e contágio o leitor a ler cada vez mais, mas há certos episódios em que devemos parar, pois as cenas são tão chocantes que as lágrimas apenas descem rosto afora. As escritas ocorrem desde 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944. (Frank, 2017). Com pequenos intervalos temporais, pois ela não escrevia todos os dias. Era uma garota esperta e sempre tinha sua opinião bem ativa, o que resultava em discursos intermináveis por parte dos adultos, menos de seu pai, que a entendia além de ser seu amigo, a quem ela confiava o seu diário na certeza que ele nunca iria ler, e se percebe essa confiança quando pela primeira vez que o leu, ficou tão impactado que quase não reconheceu sua filha, (palavras dele em entrevista estão no *youtube*). Otto Frank, não permitiu a publicação de certas páginas, pois segundo ele, se tratava de assuntos muito íntimo e pessoal da vida da filha. Outro dado importante da obra, é que ele não acreditava que as pessoas poderiam se interessar pelo livro e decidiu fazer uma tiragem de poucos exemplares. Quanto ao confinamento, este foi involuntário, num ambiente novo, pois não tinham ideia que o esconderijo existia. O diário atualmente encontra-se na 99ª edição, só aqui no Brasil.

O diário foi escrito pela própria autora Annelies Marie Frank, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A obra registra momentos vividos por um grupo de judeus confinados em um esconderijo durante a ocupação Nazista em Amsterdam, capital da Holanda. Anne foi mais uma vítima do holocausto entre os seis milhões de judeus. Seus escritos ganharam visibilidade pela divulgação póstuma do seu diário.

O livro holandês mais traduzido em todos os tempos para mais de 60 idiomas, o “Diário de Anne Frank”, já vendeu mais de 35 milhões de exemplares, dentre os quais 300 mil deles só no Brasil. Conforme reportagem da BBC.

Existe uma única edição autorizada pelo Anne Frank Fonds (AFF- na Basileia/Suíça fundada em 1963, diferente da Casa Anne Frank, em Amsterdã/Holanda), ambas criadas por Otto Frank, mas existem pelo menos

duas versões que Anne escreveu de 1942 até sua prisão em agosto de 1944, sendo que a segunda versão foi seu pai quem teria terminado de editar, após 1945, essas versões são tradicionalmente chamadas de A e B. Estas informações estão no livro mais recente sobre os Franks, “Quem traiu Anne Frank?”, de 2022, por Rosemary Sullivan.

A primeira publicação teve uma tiragem simples com pouco mais de 3 mil exemplares, intitulada “*Het Achterhuis*”, em holandês, ou, “O quarto anexo”, logo em 1950, foi traduzido para o alemão, com uma brochura simples e barata. Foi com uma peça teatral em 1956, seguida por um filme de Hollywood três anos depois, que a circulação disparou para 700 mil exemplares. Estes dados estão no livro “Obra Reunida”, de Mirjam Pressler, uma obra compilada das 3 versões do diário de Anne Frank, além de outros documentos.

Em seu diário, a menina descreve o tempo em que ela, sua família - pai, mãe e irmã - e mais quatro pessoas, conviveram por mais de dois anos escondidas em um anexo nos fundos da empresa, com 3 andares bem no centro de Amsterdã, então, ocupada pelos Nazistas. Anne escreveu sobre uma fase da vida, tão difícil para a maioria das pessoas, sobre como é estar apaixonada, as brigas com a mãe e a irmã, entre outros assuntos e não deixou de fora a percepção de mundo, o que determina quem sou ou quem eu quero ser quando crescer. E ainda escreveu sobre seus sonhos de mundo e como este será no futuro. A obra aproxima o leitor dessa realidade conturbada. Mostra também o papel importante que seu pai desempenhou na sua vida, quando testemunhou a queima de livros em Frankfurt, 1933. Os tios queridos que foram presos durante os *pogroms* (termo russo designado para “destruição em massa” atribuído à perseguição de um grupo étnico ou religioso); sua melhor amiga Hanna Pick-Goslar, carinhosamente Hanneli, que sobreviveu ao campo de concentração de Bergen-Belsen (falecida recentemente em 12 de outubro de 2022, em Jerusalém). Anne não era tão boa em matemática quanto era em gramática, sonhava em se tornar escritora e jornalista, mas seu sonho foi interrompido.

O holocausto e os momentos que vieram depois da guerra, foram tão cruéis que outras pessoas que teriam vivido o mesmo ou pior que Anne queriam apenas esquecer o que tinham vivido ou apenas tentaram achar palavras que descrevessem certos horrores sofridos. Alguns anos se passaram

e lá em meados do ano 2000 muitos tomam coragem de expor o que viveram durante a Segunda Guerra, como é o caso de Eva Schloss, meia irmã de Anne, suas memórias são ricas em detalhes; Nanette B. Konig, sobrevivente e última amiga de Anne ainda viva, ambas com seus 94 anos de idade, dão palestras sobre o que vivenciaram; e a escritora Heather Morris que nos apresenta Cilka Klein, três anos torturada pelo Nazismo durante o Holocausto, quando a guerra acabou foi levada a uma prisão soviética (os *Gulags*) por mais 15 anos.

A repercussão que o “Diário de Anne Frank” alcançou é algo inimaginável, tanto na época de seu lançamento quanto atualmente quando continua com seus milhões de leitores e incontáveis traduções em línguas diversas.

A seguir iremos ver alguns tópicos diante da impossibilidade de falar sobre tudo o que o diário de Anne apresenta. Elegemos, portanto, alguns momentos que Anne viveu em seu isolamento e que se fizeram bem presentes/pertinentes atualmente.

Para a análise do diário elencamos primeiramente alguns assuntos que estão expostos sobre os momentos/sentimentos emocionais e existenciais, relacionais e subjetivos e, depois, os aspectos de ordem mais práticos e físicos relativos à vida no anexo/sótão. Os excertos abaixo foram retirados de uma única versão: aquela que Anne não editou conhecida como A, diferente da versão editada em que surge um destinatário, “Querida Kitty”.

### **3.1 O Medo**

Esse tópico serve para nos colocarmos no cenário da Segunda Guerra, em que o medo era constante, escondidos no anexo, tudo era motivo de se retraírem e parar o que poderiam estar fazendo, para que baixassem ainda mais o tom de voz, pois um ruído podia ser o fim, e não só para os judeus que mal sabiam do seu destino tramado por alguns homens do alto escalão nazista, mas podia ser a morte para quem os ajudava.

Em seu diário, Anne expõe alguns trechos que nos ajudam a compreender melhor: “Ontem tive um medo terrível.” (Frank, 2017, p. 64). Ela explica que mal puderam dormir, pois ouviram barulho no armazém do pai. Achavam que eram pessoas em busca de itens de valor, mas para felicidade

de todos, era só um gatinho em busca de comida. O único refúgio que Anne encontrava era o prazer pela leitura e gosto de escrever em seu diário.

### 3.2 A Convivência

O quão difícil é, de repente, ter que conviver com pessoas diferentes e todos em busca pela sobrevivência. Ainda mais quando há alguns que parecem não querer abdicar de seus costumes por um bem maior. Entre a família Frank havia conflitos, mas nada que envolvesse outras pessoas, eles resolviam entre si e tudo era muito civilizado. As coisas se complicaram quando a família Van Daan veio para o anexo (o casal com seu filho Peter); o Sr. Van Daan era sócio de Otto Frank na empresa, além de amigo pessoal. Em alguns trechos é possível ver que a paz acabara e os atritos entre todos foram contagiosos. “Mãe e a Sra. Van não estão se dando muito bem.” (02 de setembro), (Frank, 2017, p. 48); a senhora Van era de um tom mesquinho com os seus pertences não deixando que os da casa usassem, por exemplo, suas louças, mas se achava no direito de fazer uso daquilo que não era seu. Situação bem complicada entre duas donas de casa..

Entre o Sr. Van e Peter também havia muitas questões mal resolvidas; neste trecho que Anne escreveu no diário, ele arranca o livro das mãos de Peter e lança-o longe, além de dar uma bofetada em seu rosto. “O pai arrancou o livro das mãos de Peter, o livro foi parar na mesa e o Peter foi parar no sótão.” 02 de setembro de 1942, (Frank, 2017, p. 50). Peter ficou por alguns dias no andar de cima, não descia nem para as refeições. “Ele deu uma bronca, pegou de volta o livro e achou que o problema estava resolvido.” Em 02 de setembro 1942. (Frank, 2017, p. 49).

E, se o relacionamento entre pai e filho não estavam bem, entre o casal as coisas iam de mal a pior. “O Sr. e a Sra. Van Daan tiveram uma briga muito terrível.” 02 de setembro do ano de 1942, (Frank, 2017, p. 48), isso é só mais uma entre as tantas que tiveram.

Para Anne Frank, as intromissões da Sra. Van Daan são algo que a incomodavam: “A Sra. Van Daan é insuportável. Vive brigando comigo.” 21 de setembro 42. (Frank, 2017, p. 52).

E da relação com a mãe, no registro abaixo fica bem visível o quanto sua mãe e Anne divergem de ideias, mas ela não revida os insultos. “Hoje mamãe e eu tivemos uma discussão... mas a parte chata, é que eu caí no choro.” 27 de setembro de 42. (Frank, 2017, p. 56). A sensação que passa é que somente Anne e seu pai tinham noção de quão delicada era aquela situação.

### 3.3 A Educação

Difícil mesmo para Anne foi ficar afastada da escola, de seus colegas e amigos, até mesmo de alguns colegas que a invejavam. O tempo no anexo foi preenchido quando seu pai resolveu ensinar o que sabia a eles (Anne e Peter). Então Beep, (de nome Elizabete e que trabalhava auxiliando nas vendas), ficou encarregada de conseguir cadernos e livros, o mínimo necessário para eles aprenderem. “Beep pediu um curso de taquigrafia por correspondência para Margot, Peter e eu.” 01 de outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 65) <sup>1</sup>.

As reclamações de Anne geralmente têm a ver com o não gastar seu tempo aprendendo. “Não estou fazendo muito trabalho da escola...” 21 de agosto de 1942. (Frank, 2017, p. 47); em continuação a esse trecho, ela explica que quando as coisas voltarem ao normal vai precisar voltar os estudos uns dois anos. Uma declaração dela aos seus pais vem de encontro a esse trecho, ela fala tão delicadamente, que “há pais que parecem ser feitos para educar todas as crianças, não só os seus filhos, como também os filhos dos outros, é o caso dos seus pais”. (Frank, 2017). Esse trecho é muito especial, principalmente quando reconhecemos esses traços em nossos professores.

Anne ocupava seu tempo conjugando verbos irregulares em francês – sua dificuldade, enquanto para Peter aprender holandês era o mais difícil, e Anne o ensinava, “Peter voltou a estudar inglês, com muita relutância.” 21 de setembro 1942. (Frank, 2017, p. 52).

---

<sup>1</sup> Existe no Brasil a E.E. Anne Frank, inaugurada em 28 de fevereiro de 1961, residência onde antes funcionava a casa da Guarda do Palácio Guanabara. Atualmente existe uma rede de escolas que carregam esse nome e que conta com a parceria da Conib (Confederação Israelita do Brasil) espalhadas pelos estados de MG, RS, SP e TO.

Com o passar dos dias, o tempo foi preenchido “Curso semanal de taquigrafia por correspondência, cursos de inglês, cursos de francês, matemática e história, oferecidos a qualquer hora do dia ou da noite.” 17 de novembro 1942. (Frank, 2017, p. 85).

### **3.4 O Afeto**

Em tempos difíceis, o carinho é mais apreciado. Um toque, um segurar de mãos ou o empréstimo de uma caneta, talvez por saber que estão todos na mesma situação de não ter para onde fugir. Nem todos precisam das mesmas coisas, ou o que é importante para esse, para o outro é desnecessário. Mas o carinho é sempre percebido em suas diferentes formas e manifestações. “Hoje deitei na cama de Peter depois de expulsá-lo”. Ele ficou furioso, mas não me incomodei. Ele poderia pensar na hipótese de ser mais atencioso comigo de vez em quando. Afinal de contas, ontem à noite eu lhe dei uma maçã. 14 de outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 72). Em outras versões, esse mesmo trecho fala de dar a ele a última maçã.

No aniversário de Margot, Anne sobe ao sótão para pegar algumas batatas, (no andar em que Peter fez de quarto) quando ele a viu, foi depressa ajuda-la e disse: “-Quando quiser voltar é só bater que eu abro pra você”. Para Anne não havia problema em abrir o alçapão “mas ele com toda a educação, se levantou e tirou a panela de minhas mãos”. 16 de fevereiro de 1944. (Frank, 2017, p. 214). Percebe-se que ele é gentil e está atento à necessidade dela.

### **3.5 As Roupas**

Anne, a mãe e a irmã precisaram vestir várias camadas de roupas, quando foram para o anexo. Anne tinha só treze anos, e sabemos que toda adolescente passa pelo estirão do crescimento, e para ela não foi diferente, de um ano para o outro, as roupas deixaram de servir. Aos 15 anos algumas peças de roupas também foram gastas pelo uso, foi preciso Beep, (de nome Elisabeth, a contabilista da empresa de Otto) levar mais algumas roupas para o

anexo. Anne também comenta em seu diário o emagrecimento de todos, menos dos van Daan que até estavam mais gordos. “Beep comprou saias novas para Margot e para mim no *Bijenkorf*. O tecido é horrendo, parece saco de batatas.” 01 de outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 65). Mesmo estando agradecida, Anne não deixa de lado seu descontentamento com os trajés conseguidos. “Cheguei à conclusão chocante de que só tenho um vestido de mangas compridas e 3 Cardigans.” 21 de setembro de 1942. (Frank, 2017, p. 53), isso fez com que Anne começasse a tricotar um casaco para aquecê-la no inverno que estava próximo.

### **3.6 A limpeza**

Essa é uma questão muito delicada, havia água nas poucas torneiras no anexo, inclusive com água quente no andar de baixo, mas quando usadas, estas desceriam pelos canos e faziam barulho, então não podiam usar em horário de expediente da empresa para não chamar atenção dos funcionários. A solução, era juntar água e gastá-la em vasilhas, para num momento mais oportuno poder despejar fora.

“Banhos: A tina está disponível a todos os moradores depois das 09h da manhã aos domingos. Os moradores podem tomar banho no banheiro, na cozinha, no escritório particular ou no principal, como quiserem”. “Água corrente no banheiro (mas sem banho, infelizmente).” 17 de novembro 1942. (Frank, 2017, p. 84). Este trecho trata-se de uma lista de deveres para os moradores do anexo em especial, para o Sr. Pfeiffer (dentista e último a se juntar ao anexo).

### **3.7 O Delivery**

Achamos importante esse item, pois para eles poderem ficar isolados no anexo, envolveram mais pessoas, 5 amigos, que dividiram o seu sustento que já era pouco – estamos aqui em meio à guerra, onde não há alimentos para todos e o pouco que conseguiam dividiram com os oito do anexo. “O pão era

trazido diariamente por um padeiro muito gentil, amigo do Sr. Kleiman. Claro que não temos tanto, mas é o suficiente. Também compramos rações de racionamento no mercado negro.” 09 novembro 1942. (Frank, 2017, p. 79). Gies era esposo de Miep e trabalhava no setor de distribuição desses cartões, e muito discretamente conseguia alguns, além de ficar sabendo quem os vendia no “mercado negro”, pois sempre havia quem trouxesse informações que circulavam pelos corredores do departamento.

Como já foi dito anteriormente, todos diminuíram seu peso, mas os Van Pelzs continuavam gordinhos. Anne não falava nada, mas escrevia em seu diário tudo o que via; quando era a semana deles fazerem as divisões da comida, sempre alguém ficava no prejuízo “Deveria explicar que lá no andar de cima, eles são os verdadeiros glutões” 09 de novembro de 1942. Se referindo aos Van Daans, já que seus quartos ficavam no andar mais acima<sup>2</sup>. (Frank, 2017, p. 79).

A pessoa de fora que mais tinha acesso ao anexo era Miep, talvez por ser mulher e de pequena estatura, não levantasse suspeitas. Era ela quem ficava com os pedidos das necessidades; em geral para a adolescente Anne era só trazer algum doce, que ela se contentava. Com o passar do tempo e a guerra sem dar trégua, os alimentos encareceram além de desaparecer das prateleiras do mercado e nem sempre esses pedidos puderam ser acatados.

### 3.8 O Tempo

O começo de um isolamento, para quem nunca passou por essa experiência, pode ser bastante traumático, mas aqui se trata de um esconderijo para manter a sobrevivência, porém, não poder falar em tom que se está acostumado, não poder fazer barulho e ter cuidado com todos os objetos para estes não caírem por acidente, caminhar em chão de madeira silenciosamente.

---

<sup>2</sup> Anne, em sua personalidade criativa e sagaz, se permite não retalhar os Van Pelzs, as referências sobre a família são chamadas no diário de Van Daan, que soa algo pejorativo como “senhor juiz”. O mesmo acontece quando chamava o “Sr. Alfred Dussel por Pfeiffer”, pois seu nome em alemão significa “grosseiro”. Outra característica do diário é a substituição dos nomes por pseudônimos, o diário falava de pessoas próximas, o que foi feito para não criar constrangimentos. Ela mesma teria escolhido alguns para si: Anne Aulis e posteriormente Anne Robin. Otto, o pai, porém, preferiu manter os nomes originais da família.

”Em dias normais nós temos de falar em sussurros; não poder falar nem se mexer é dez vezes pior”, 29 de setembro de 1942. (Frank, 2017, p. 64). Adultos talvez consigam, mas adolescentes, que estão aprendendo a controlar seus instintos, é humanamente impossível. Uma das maneiras que encontraram para conseguir vencer esses obstáculos foi “Está fazendo um dia lindo lá fora, bonito e quente, e, apesar de tudo, nós aproveitamos ao máximo o clima deitando-nos na cama dobrável no sótão”, 21 de agosto de 1942. (Frank, 2017, p. 47). Esta não foi a maior diversão: “De vez enquanto, Peter consegue ser muito engraçado. Nós dois temos uma coisa em comum, gostamos de nos fantasiar e todo mundo cai na risada. Peter usa vestido da mãe e eu um terno dele.”, 01 de outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 65). Isso só é possível nos domingos em que não há ninguém trabalhando no andar de baixo.

Outra maneira de diversão para os adolescentes em meio às tarefas diárias foi a de levar toda comida estocada para o andar mais acima, pois, eles estavam tendo problemas com os ratos. Quando Peter estava carregando os feijões, ao final da escada, o saco de 25 quilos arrebentou. “Peter estava aparvalhado, mas em seguida caiu na gargalhada quando me viu de pé na base da escada, como uma ilha num mar marrom, com ondas de feijões batendo nos meus tornozelos”, 09 de novembro de 1942. (Frank, 2017, p. 80).

### **3.9 Os *Pets***

Anne tinha uma gatinha como animal de estimação e com a ida para o anexo às pressas, antes do prazo marcado, (pois Margot fora convocada para o trabalho alemão) teve de deixar seu bichinho, a pedido do pai, o que causou muita tristeza e dor. Para sua surpresa e indignação, quando resolveram dividir seu espaço com os Van Daans, Peter levou seu gato, ora se Anne não podia, como agora estariam permitindo a presença do bichano? Com o passar do tempo o pequeno animal foi se afeiçoando muito a ela (Anne), mais que de Peter. E isso fez com que os dois (Anne e Peter), parassem de brigar, conseguindo trocar mais de duas palavras e até se enamoraram, o que causou alvoroço nos mais velhos, pois, Anne agora só queria ir para o andar de cima. Em seu diário, mais especificamente na primeira página, ela já cita a saudade de sua gata. “Há sempre um gato preto rondando o quintal, e ele me lembra da

minha doce Moortje”, 01 de outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 45). Mais tarde outros 2 gatos também se chegaram ao armazém atraídos pelo cheiro de comida e também por alguns ratos. Mas os adultos não se importavam com a presença deles, pois certa vez, Peter foi mordido por um rato.

Aqui, fazemos uma inferência particular: talvez a saudade de sua gata fosse tão forte que quando soube do interesse da rainha por possíveis diários elaborados durante a guerra, foi quando teve a ideia de dedicar suas escritas à “Querida Kitty”, pois, gato em inglês é *cat* – logo gatinho/filhote é *Kitten*, é possível calcular a referência a Kitty pela falta de ter uma amiga para conversar e só poder contar com o gato por companhia. Observe que ela falava holandês, inglês e alemão, e da mistura desses resulta em neerlandês que é falada mais precisamente nos Países Baixos, além da língua hebraica, língua esta que foi proibida durante a guerra, mas quando os nazistas assumiram o poder, ficou proibido em definitivo e não mais puderam pronunciar em casa, como faziam antes, mesmo que escondidos.

Em inglês, o sotaque mais tendencioso ao “i” quando para finalizar as palavras, é visto como algo delicado. É como se todas as palavras fossem pronunciadas no diminutivo. Esse fenômeno se explica pela epêntese – formação acidental ao diminutivo quando acrescentamos o “Y” ao final das palavras. Ex.: “Fiz um bolinho para tomar um cafezinho”. (*I made ‘cakey’ to eat with a ‘coffey’*),

Conforme a publicação da revista: Letras Academy. Como soa o sotaque brasileiro para os americanos? [2023], a língua hebraica, não é muito diferente da nossa, também tem essa proximidade com o latim.

#### 4 “RESPIRA: DIÁRIO DA PANDEMIA”

Um livro que desde o lançamento, está sempre esgotado, conta com 235 páginas que além de trazer a versão em português, conta com a opção em inglês, estes textos que acompanhados com uma sensibilidade de sobrepor uma figura sobre outra, se forma como resultado, que vai além da composição de gravuras e colagens, as identidades fragmentadas e com traços estéticos que deixam o retrato feminino se correlacionarem entre vida e arte. Este diário compreende do dia 15 de março de 2020 à 02 de junho de 2020, com uma temporalidade linear e detalhes de sentimentos diversos dos momentos vivenciados, para dar ideia do objeto em si. Quanto ao confinamento feito em seu apartamento, no entanto, foi um isolamento involuntário, isto é, imposto. Além de trazer uma linguagem muito informal, é como se a própria Amanda estivesse ali conversando conosco, talvez pelo fator instantâneo das postagens, que fez no momento da escrita e postagem na rede virtual, já que muitos seguidores/leitores trocaram mensagens com a autora do diário.

Já início do ano de 2020, as notícias que circulavam provindas do Oriente, em específico da China, colocava o mundo em alerta, pois os primeiros casos de COVID-19 surgiram lá do outro lado do mundo. Quando as autoridades de saúde anunciaram que a situação era preocupante e que o alerta não se tratava de apenas uma localidade e, sim, era pandêmico (escala global), alcançando uma enorme parte da população, pelo menos para quem tinha acesso às redes de notícias, a situação era de desespero. A orientação era que fechássemos as entradas e saídas de aeroportos e que as pessoas evitassem viajar naquele momento. Estávamos entrando em quarentena e a esperança que se tinha é que logo iria passar, afinal, seria só por alguns dias; enquanto estávamos vivendo em ritmo acelerado, o mundo precisava de uma pausa. A jornalista Amanda Foschini, uma brasileira que estava morando em Barcelona, se viu sozinha nessa nova realidade. Em sua página do *Instagram*, começou a escrever em 15 de março de 2020.

Já entrada a noite, o presidente da Espanha fez um pronunciamento: agora é decreto e fica proibido sair de casa para qualquer coisa além do trabalho, mercado, médico, farmácia e passear o cachorro

(situação especificamente citada). Os que saírem de casa devem sair sozinhos. Adeus, convívio social e rodinha viral de violão”. (Foschini, 2021).

A liberdade estava ameaçada e pelo decreto foi informado pela OMS (Organização Mundial da Saúde), que a Espanha se tornara o epicentro da pandemia, não se podia sair de casa, o ar estava ou poderia estar contaminado com um perigo invisível e nem sequer sabíamos ao certo porquê, mas o fato é que para sair de casa, devíamos usar máscara, fazer uso de álcool 70%, e lavar tudo com água e sabão, para evitar a transmissão do vírus. Essa era a recomendação, para que toda essa situação acabasse o mais depressa possível.

Mas o que aconteceu a seguir, não foi o quadro que todos esperavam e o caos já estava previsto: muitas pessoas com suas máscaras no bolso ou então se esqueciam de carregar, e quando usavam, deixavam a máscara pelo queixo, sem nem perceber. Outras não respeitavam o distanciamento. Pessoas começavam a ter alergia ao álcool e havia idosos que se negavam a ficar em casa, o que era especialmente preocupante, pois, para eles, o vírus veio sem piedade. Acredito que a escolha de nome para o livro se deu a partir da frase escrita por Amanda, ainda no início da Pandemia: “O mundo segue lindo, respira cada vez mais livre, mas a gente não é bem-vindo. Arrastei a melancolia pra casa e chorei abraçando quem eu amo por medo de não saber o que vem depois”. Dia 6, de 20 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 24).

Com as ferramentas usadas por meio de literatura, escrita e colagem, do bom humor, de criatividade e inteligência, Amanda Foschini, Marina Pauné e Jennifer Simionato foram descortinando sentimentos. As 3 mulheres envolvidas nesse percurso mostraram suas formas de dar um novo sentido ao que estávamos vivenciando.

Amanda é jornalista e já conhecia o livro “O caminho do artista” de Julia Cameron, (2017) que incentiva pessoas a escreverem 3 páginas matinais, ela é adepta e faz pelo menos uma página. O “Respira: Diários da Pandemia” é seu primeiro livro e a parte mais difícil foi a fase de concretizar o livro, pois ela não podia viajar para o Brasil, naquele momento.

As sócias e editoras da Marisco, aqui no Brasil, entraram em contato com Amanda (para fazer das suas publicações o livro de lançamento da casa),

isso sem saber que a mesma já estava trabalhando nesse projeto. Segundo Amanda, “elas foram nossos olhos no Brasil”. Amanda já tem outro livro lançado recentemente, “Surtada, porém inteira”, onde fala, sobre a síndrome de impostora, sobre o medo de expor as ideias, entre outros. Esta frase está escrita no livro “Respira: Diários da Pandemia”.

Diferente de Jennifer Simionato que começou a fazer colagem durante a pandemia como forma de terapia e publicava o resultado também no *Instagram*, todas as suas obras possuíam títulos. Eram amigas e Amanda, vendo esse trabalho, a convidou para fazer as colagens de seu livro, segundo ela, a imagem “falou”, quanto ao momento em que estavam vivendo, da dificuldade de respirar pelo uso da máscara.

Outra participação é de Marina Pauné, que é *design* gráfica, catalã que auxiliou a fazer com que as imagens se comunicassem com os textos, trazendo sempre a ideia de “respirar”.

Lalai Person, amiga de Amanda, leitora de suas postagens diárias e grande incentivadora das escritas, estando em Berlim conversavam entre si, pois se identificava muito com os textos; foi a ela que Amanda pediu que escrevesse o prefácio do seu livro “Respira: Diários da Pandemia”.

Provavelmente, a Espanha foi o país que mais sofreu com o *lockdown* na Europa, pois o número de mortos contabilizou cerca de 900 em um único dia. As escritas, assim como as colagens, vieram como uma forma de organizar essa nova rotina. Estas informações foram de ouvir rodas de conversa e grupos de literatura que debatem livros, além de acompanhar Amanda Foschini, em seu *Instagram*.

O tempo foi passando e “cada novo decreto nos afastava mais da nossa liberdade, a de poder ir e vir”. Neste momento ela entrava em *lockdown*, um permanente isolamento/confinamento e a ordem era clara: não sair de casa a não ser para tarefas extremamente necessárias. “O mundo ficou mais silencioso e tínhamos tempo de fazer todas as coisas que, supostamente, não conseguíamos por falta do mesmo”. E mesmo assim, as pessoas estavam se contaminando em uma proporção assustadora, muitos estavam morrendo e o mundo parecia que girava desgovernado. Amanda Foschini expressou aqui o que foi esse momento, muito dolorido: “Percebi que do que sinto falta, mesmo, é de gente. Um mundo vazio não tem graça nenhuma”. (Foschini, 2021).

A partir daqui iremos ver sobre os mesmos itens/assuntos contemplados na exposição do Diário de Anne Frank, pois se tornaram muito pertinentes para os dias atuais.

#### 4.1 O Medo

O cenário era outro, com novos hábitos e a guerra era contra um inimigo microscópico e, para alguns, fatal. Lutávamos com algo que não podíamos ver (como, ainda não podemos). De início, ainda existia uma fraca esperança de sairmos ilesos – e que em poucas semanas se foi. Estudos apontavam que todos em algum momento seriam contaminados pelo vírus, mas a ideia do isolamento era para que os hospitais não superlotassem, afinal, se tratava de “uma gripe muito” isso para os brasileiros, diferente da população europeia em que a primeira onda cresceu rapidamente, fazendo com as autoridades tomassem providencias e medidas de contenção fossem adotadas. Aos poucos foi se modificando para uma palavra bem mais suave: “positivados”. O fato é que a conscientização de gravidade da situação demorou a chegar e as pessoas agiam como se não fosse nada demais: Amanda aponta bem esse momento:

[...] rodinha de amigos bem juntinhos pro vírus espalhar melhor, velhos passeando, gente tossindo sem a porra do cotovelo em cima, um senhor sentado fora de casa fumando seu cigarrinho vendo a vida passar. (Foschini, 2021).

Para quem estava com medo e apavorado, fazendo tudo o que era recomendado, vivia-se um verdadeiro pavor, conforme o que Amanda registrou em 18 de março de 2020.

A primeira nóia apareceu ao pegar o carrinho: encosto nessa merda cheia de vírus? Besuntei a parada de lencinho desinfetante e fiz um sinal da cruz... Geral de máscaras e luvas e eu correndo pelada. Sinal da cruz de novo. (Foschini, 2021).

Tudo era motivo para entrar em pânico, cada saída de casa para ir ao supermercado já causava aflição: “A fila era longa o suficiente para eu pensar

em quanto o programa que era pra ser um respiro virou um estresse”. Dia 4, 18 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 18). Quando tínhamos que sair e encontrávamos um conhecido, as notícias nos abalavam ainda mais, para aquilo que não estávamos levando a sério. Conforme seu registro em 23 de março de 2020.

O presidente diz que as semanas mais duras estão por vir: nossa liberdade continuará sendo restringida, nossa saúde mental será colocada ainda mais à prova e famílias não poderão se despedir nem chorar seus mortos. (Foschini, 2021, p. 36).

Pessoas que testavam positivo para a Covid-19 ficavam isoladas sem a família conseguir se despedir. Muitos estavam bem e de uma hora para outra eram levados ao hospital. Esse era o adeus para muitos, o corpo vinha lacrado em saco preto, com todos os pertences daquela pessoa. Os familiares mais próximos sepultavam sem velório ou sequer tempo de avisar amigos e conhecidos para se despedir. E isto estava longe de acabar. Segundo Amanda: “Será que sairemos disso com uma nova consciência sobre nosso papel no mundo?” Dia 07, 21 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 30). O medo e a insegurança fez com que perdêssemos várias noites de sono, sem ao menos saber o que esperar.

Parecido com o que Anne Frank viveu no anexo, onde também vivíamos com medo das pessoas (por estarem ou não) contaminadas. Quando o anexo foi descoberto havia um comandante da SS (*Schutzstaffel*-guarda militar de elite do governo nazista) e três oficiais com roupas civis, não aparentando estar em serviço. Esses trechos se encontram com pelo menos uma das especificidades do diário. Um desabafo na maioria das vezes pode ser confundido como uma queixa, mas garante a sensação de livrar-se do fardo a que se estava carregando.

## **4.2 A Convivência**

Diante da nova realidade, parecendo que estávamos à prova o tempo todo, o vírus parecia querer testar nossa paciência e resiliência mais um pouco a cada dia. E até mesmo convivendo mais de perto com as pessoas da família,

não estávamos conseguindo ser como normalmente somos, com os nossos afazeres diários, pois uma coisa é conviver, e outra é passar todo dia, e todos os dias seguintes tendo que falar somente com aquela pessoa. Para muitos, isso foi difícil de suportar. Muitas donas de casa tiveram que dispensar suas ajudantes e reorganizar os trabalhos domésticos com todos da casa, registrado em 17 de março de 2020. (Foschini, 2021).

As fissuras na boa convivência já deram as caras e rolou treta “coloque a porra do fone de ouvido enquanto eu faço Yoga” e ‘arrume sua parte senão terminaremos o confinamento no lixão da mãe Lucinda. (Foschini, 2021, p. 17).

De algum modo, o mundo também ia se modificando, se adaptando. O uso de plataformas digitais tomou conta e até se estudava, fazia provas e trabalhos *online*, e nosso lar passava a ser o ambiente para tudo, assim sentiu Amanda quando disse: “Agora, minha casa é tudo: meu trabalho, meu estúdio de Yoga, minha central de reclamação, meu restaurante, meu cinema, meu bar, minha praia”. Dia 24, 07 de abril. (Foschini, 2021, p. 78).

O cerco estava cada vez se fechando mais, e as coisas não pareciam estar se resolvendo. No trecho abaixo, o registro feito em 20 de março de 2020, detalha esse momento. (Foschini, 2021).

Alguns vizinhos têm subido (se revezando) para tomar um banho de sol que traga um pouquinho de luz pra gente. Subimos, ficamos lá por 15 minutos... voltando para casa, uma notícia informa que terraços e qualquer outra zona comum dos edifícios também estão proibidos, mesmo que moradores revezem. (Foschini, 2021).

O grau de contaminação, que antes era de uma para três pessoas, saiu do controle do que os médicos chamavam de “linha de contágio”. Naquele momento, não era mais possível saber quando se contaminou, ou com quem se teve contato, já que o vírus poderia ficar “incubado” por cerca de 14 dias. Informações segundo o portal Fiocruz, da Fundação Oswaldo Cruz, Museu da Vida. Oswaldo Cruz, o médico do Brasil: Almanaque histórico. 2003. Projeto Memória. O que é período de incubação e qual o período de incubação do novo coronavírus? [2020].

### 4.3 A Educação

Como foi dito anteriormente, novas estratégias modificaram as formas de ensinar e aprender. Mas para todos, a vontade de não fazer nada prevalecia, conforme registra em 22 de março de 2020:

Muita iniciativa boa rolando: é show online, é curso à distância grátis, é livro liberado, é curso de bordado, macramê, palestra da Monja Coen, grupo de oração, meditação, crossfit online, notícia liberada, cai o paywall da Folha. MAS EU NÃO CONSIGO FAZER BOSTA NENHUMA! (Foschini, 2021, p. 32).

O cenário já mudou bastante desde que Anne, em isolamento, conseguiu estudar ainda que por correspondência. Não podemos esquecer que seu pai fez o papel de professor, ensinando o que sabia. Houve quem perdeu seus entes queridos, ou estava tendo que remodelar sua forma de sustento, já que muitos perderam o mantenedor da casa. Alguns tiveram que se realocar com outros parentes, ficando muitas pessoas em um espaço às vezes pequeno. O número de evasão escolar, durante a pandemia, só cresceu.

Pode-se traçar um paralelo de Anne estudando por correspondência e a nova realidade do Ensino Remoto que trouxe muita impaciência para os dois lados (a de quem é estudante e a de quem ensina), pois quando alguém perdia a conexão de internet, acabava automaticamente saindo da sala, ou simplesmente quando um professor estava tentando fazer seu trabalho e era interrompida por seu filho, uma criança pequena, que queria compartilhar com seu pai, o momento de perder seu primeiro dente de leite, e foram inúmeros os casos de interrupções em aula *online*.

Fato é que para os pequenos, agora com os pais em casa, ficava difícil de entender que eles estavam trabalhando, mesmo que remotamente, tal como mostra alguns vídeos no *youtube*, em especial o do “filho que interrompe aula online do pai professor”.

Outro ponto bastante relevante foram as reações: mesmo aquele aluno tagarela que muitas vezes precisava ter chamada a atenção, o fato de estar frente a uma câmera trouxe timidez, e/ou como disse Amanda: “Sempre tem

alguém com conexão fraca”. Dia 13, 27 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 50). De fato, bem no momento da chamada, se alguém perdia o sinal de conexão, saía automaticamente da sala, agora somos todos “bolinhas com rostos” e o professor é o único que fala.

Ainda, antes da Pandemia o telefone celular não era permitido em sala de aula (pelo menos no Ensino Fundamental), sendo confiscado pelo professor e entregue apenas para o responsável legal. Agora, neste novo modo de ensino, o telefone tornou-se aliado aos estudos. A mudança de perspectiva parece ter chegado pelo menos na educação, o celular agora continua sendo proibido, porém é seguro dizer que há uma tolerância muito maior.

#### **4.4 O Afeto**

Durante a pandemia foram inúmeras as formas de afagar alguém, já que não podíamos tocar, então o que não faltou foram demonstrações de “estamos juntos” e em meio a tudo aquilo que estávamos vivendo, em algum momento o coração ficou apertado, mas, mantínhamos a esperança de um novo recomeço, pois o sentimento vivido é que fomos nós que deixamos o mundo ficar como estava e, para sairmos daquela bolha, era preciso uns cuidarem dos outros, da maneira que fosse possível. Amanda soube registrar esse sentimento no dia 23 de março de 2020, quando escreveu:

É, ‘cuide-se’, porque a sua vida, a minha e a de todo mundo que a gente ama (e até de quem não ama) depende disso. Cuidar-se deixou de fazer algo que fazemos por nós mesmos e virou uma coisa maior. (Foschini, 2021, p. 36).

Quando a saudade apertava, e foram muitos esses momentos, lembrávamos do que queríamos fazer, até porque surgiram situações constrangedoras pelas quais se passou, de nos encontrar sem saber como agir, se devíamos abraçar ou não, porque era uma sensação muito estranha encontrar alguém que queríamos bem ou que sabíamos ter vencido o vírus, sem chegar perto e abraçar, conforme registro de 02 de abril de 2020.

Quero abraçar meus amigos. Abraços cheios, sinceros, embriagados, carinhosos, saudosos ou melancólicos. A afirmação física do 'estamos juntos' para o bem e para o mal. Corrente que não quebra... sem nenhuma outra intenção que não a de celebrar a sorte da presença. (Foschini, 2021, p. 66).

As campanhas foram muitas e a todo instante éramos surpreendidos por alguém fazendo o dia de outro melhor, e agora: “Mulheres que costuram máscaras, angariam doações e distribuem mantimentos. Todas mulheres”. Dia 65, 18 de maio de 2020. (Foschini, 2021, p. 184). Ao pessoal da saúde, que foi incansável, aplaudiam enfileirados seus pacientes de alta hospitalar, vídeos eram assistidos e viralizavam pelas redes, emocionando a todos. Mas as situações que demonstravam afeto sempre chegavam onde mais se precisava, acredito que em algum momento passamos pelo mesmo instante que Amanda, quando deixou seu registro em 14 de abril de 2020:

Debaixo da minha máscara, sorri para o moço que, também escondido atrás do seu escudo de tecido, sei que respondeu meu agrado sorrindo de volta. Um respiro de vida normal escapou das nossas barreiras de proteção. (Foschini, 2021, p. 52).

As pessoas no anexo não tiveram a sorte de ganhar presentes novos em seus aniversários – na pandemia, não tivemos a sorte de ter pessoas presentes.

#### **4.5 As Roupas**

O procedimento de chegada em casa era um verdadeiro ritual como Amanda Foschini, em explicação de 18 de março de 2020:

Em casa, rolou desinfecção geral. Limpeza com cândida no chão e em superfícies que usamos muito. Roupa da rua não circula em casa, e os sapatos não passam da entrada. (Foschini, 2021, p. 18).

O comércio migrou quase que imediatamente para o virtual, desde compras de roupas a calçados e acessórios eram comprados via internet. Apenas passamos a receber na porta de casa, os pacotes que chegavam, pelo correio ou transportadoras.

Lembrou-me da situação de Anne Frank, que reclamou quando as roupas ficaram pequenas e precisava de agasalhos para não sofrer as temperaturas baixíssimas no inverno ou simplesmente não morrer de frio. Muito difere da nossa realidade, apenas queríamos algo novo para vestir, afinal, quem não gosta de receber os pacotes dos pedidos feitos pela conectividade da rede virtual.

#### **4.6 A Limpeza**

Aqui é preciso abrir um parêntese, pois por todo o lado que se olhava, via-se alguém carregando álcool (líquido ou em gel), garrafinhas com água e detergente. Repórteres foram filmados em banheiros para ensinar como fazer a higiene das mãos; aqui a pressa não funcionava, era preciso que gastássemos algum tempo nesse ofício, o de lavar as mãos. Era cansativo, e as pessoas reclamavam já que o cheiro estava impregnado nas nossas narinas, como Amanda frisou em 16 de março de 2020.

Lavamos a mão a cada vez que falamos mal do Bolsonaro (pensa numa mão limpa, rapaz) e tentamos dar uma desinfetada básica nos objetos que mais usamos: celular, chaves, isqueiros. Paranoia? Talvez, mas com tantas mudanças na nossa rotina, incluir algumas a mais não mata ninguém. Literalmente. (Foschini, 2021, p. 12).

Bem difere de Anne Frank, até essa higiene lhe foi privada, onde até os banhos eram esporádicos.

Saíamos somente para as necessidades básicas e voltávamos para casa depressa, mas além da nova rotina de chegada, em função das roupas, agora tínhamos que desinfetar tudo aquilo que estava entrando em nossas casas. Afinal, por muito tempo foi o nosso único passeio essencial: a ida ao mercado, que para Amanda foi um evento, seu registro de 18 de março de 2020, deixa claro:

Primeira compra grande desde que o confinamento começou. Perto de casa só existem mercadinhos e tive que me lançar em uma pequena expedição de 700m para ir a um supermercado. Carrinho, lençinho desinfetante, fé no álcool em gel e fui. (Foschini, 2021, p. 18).

Era uma verdadeira jornada (demanda de tempo), ainda mais sobre os alimentos que podiam ser lavados, como frutas e verduras; quanto aos produtos industrializados, para facilitar, passava-se um pano embebido em álcool, e foram muitas as vezes que perdíamos os desenhos nos rótulos, pois o álcool acabava tirando até isso.

#### **4.7 O Delivery**

A Pandemia afetou os corpos, as mentes e todo comércio; o modo como se passou a lidar com as necessidades, tanto nos hábitos como os elementares (aqueles que vêm acompanhando para tornar a vida um pouco mais confortável). A própria restrição de saída fez com que gastássemos mais. O mundo virtual veio para ficar, de uma forma ou outra tudo foi se readaptando e os *fast foods* que eram uma pedida para os fins de semana, agora eram muitas quartas-feiras com cara de domingo, eram domingos intermináveis que pediam uma pizza para nos tirar o tédio. Para Amanda quando escreveu em seu diário “Consumi metade das coisas que tinha comprado para os próximos dias (os vinhos também). Nervoso e falta do que fazer curados com calorias e açúcar”. Dia 1, 15 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 08). Não foi difícil entender que a ansiedade ganhava espaço cada vez maior. E não só neste trecho, como também registrou em 18 de março de 2020:

No menu, saíram os industrializados e entraram produtos mais naturais. Estamos começando a entender que para encarar esse confinamento sem data de vencimento precisamos estar bem fisicamente. (Foschini, 2021, p. 18).

No mundo virtual, as coisas andavam rapidamente. Tivemos que reaprender a estar com as pessoas e certos ajustes foram precisos para evitar a falta de comunicação. Amanda explica um fato ocorrido em 05 de maio de 2020:

Chegando à minha livraria querida de sempre... a vendedora informava que a hora marcada era apenas para retirada de produtos comprados pela internet. Pedi que ela escolhesse algo para mim. Saber que ele foi a minha primeira compra não-essencial depois de dois meses vai fazer dele algo ainda mais especial. (Foschini, 2021, p. 148).

E não só as vendas de comida eram necessárias. Os livros de autoajuda dispararam nas vendas, desde março de 2020 a março de 2021, talvez porque a nossa paciência estava abaixo do limite mínimo que é permitido a um ser humano para manter sua sanidade conforme a Editora Atena. Compra de livros aumentou durante pandemia no Brasil. Ponta Grossa. Editora Atena, [2022], Disponível em 15 set. 2023.

Olhando mais atentamente, é preciso concordar com Philippe Lejeune, quando disse que alimentar um diário pode ser a sobrevivência, principalmente para resistir um pouco mais. E foi assim para ambas as autoras e também para um tanto da população que queria de alguma forma registrar esses momentos.

#### **4.8 O Tempo**

Como disse anteriormente, as pessoas estavam atarefadas de coisas para fazer e todas elas com um nível de importância igualado. Dar uma paradinha ou aproveitar mais um feriado estendido eram tudo o que queríamos. Mas na Pandemia podíamos e devíamos ficar em casa para poder fazer todas as coisas que procrastinamos no dia-a-dia, o que se tornou em um fardo difícil de suportar, como Amanda bem diz no dia 17 de março de 2020:

Não consegui trabalhar e leio poucas páginas do livro antes de voltar pra outra dose de notícia. “A realidade supera a ficção” nunca fez tanto sentido como agora. Mesmo assim tentei ler: 5 páginas, *Twitter*, mais 5 páginas, refresh no *El País*, outras 3, e “cê viu quantos

morreram só hoje na Itália?. As notificações de tempo de uso do telefone dispararam e tô vendo quando vou receber o aviso de 'Desgraça, larga esse telefone e vai fazer outra coisa. (Foschini, 2021, p. 16).

O fato de estar conectados à internet é bom quando sabemos nos organizar e não viver na dependência desse aparelho. Crianças de hoje e adolescentes não desgrudam do telefone e, durante a pandemia, não faltaram ideias e convites *online*. Para muitos foi sufocante, a ponto de deixar o telefone no silencioso, a fim de escapar de anúncios, vídeos, notícias e, principalmente, “fake news” além de outros produtos da Internet. Foschini, no dia 19 de março de 2020, também se sentiu absorta pelas redes.

Tem muita iniciativa legal rolando – shows online, cursos gratuitos, receitas ao vivo, visitas virtuais aos grandes museus, sessões de Yoga – mas o que eu quero mesmo é passar o dia sentada no sofá em uma posição horrível que vai fuder com as minhas costas e ficar celularizando por horas. (Foschini, 2021, p. 20).

Agora estávamos diante de algo jamais vivido, pelo menos para as últimas gerações: privados de nossa rotina e isto estava longe de ser normal. Aliás, uma pergunta ouvíamos com frequência: quando a vida voltará ao normal? Para Amanda, que ao acompanhar as redes sociais é cheia de vida e tem a “boca livre” (fala o que bem pensa de tudo e sem filtro), seu registro em 22 de março de 2020, fica claro que não estava nada bem viver assim:

Parem de achar que a vida está normal. A vida não está nada normal. Pandemia mundial. Quem já viveu isso? Vou ficar fazendo curso online sobre a filosofia de Kant na Casa do Saber? Parem de criar listas de coisas para fazer na quarentena. Tá todo mundo doidão e ninguém sabe o que vai acontecer. (Foschini, 2021, p. 32).

E não foi só para a Amanda, os dias demoravam a passar, perdíamos tempo com futilidades (pelo menos no início), e quase achávamos que as férias não tinham terminado. No Brasil, é comum ouvir que o ano só começa depois do Carnaval. Só que naquele ano ele veio, foi, e continuávamos de férias. Foi preciso recorrer a vídeos e escritas para nos atualizarmos e saber se já

tomamos banho, ou almoçamos além de extravasar nossa ansiedade por aquilo que não acabava nunca. Amanda Foschini também se sentiu assim: “Já não sei que dia é hoje”. Dia 13, 27 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 50).

As pessoas hoje, em 2023, continuam positivando para COVID-19, pois nem todas foram imunizadas e, se tomaram estão com as doses incompletas. Dados da OMS anunciam que 14 países vacinaram 70% da população, enquanto que outros 14 nem 40% tomaram uma única dose, sendo que um terço da população não recebeu uma única dose de vacina. Conforme os dados da Organização Mundial de Saúde.

#### **4.9 Os Pets**

Assim como há oitenta anos a preocupação com os animais de estimação se fazia presente, aqui não foi diferente, e mais, pode-se dizer que eles também sofreram com os impactos deixados pela Covid-19. Como na frase em que Amanda tenta explicar: “O cão também está sofrendo com a mudança de rotina. Se ligou que algo deu ruim, mas não entendeu por que já não o soltamos no parque e nem por que os passeios agora duram só 15 minutos”, Dia 5, 19 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 20).

Para Amanda, morando em apartamento e dona de um cão de porte grande, foi um dilema e preocupação fazer com que seu animal gastasse as calorias e energias necessárias, o que não foi diferente de Anne, onde já na primeira página de seu diário expressa a preocupação com seu bichinho. Diz Foschini: “Animal em apartamento sofre mais. O passeio do cão é meu alvará de soltura e me salva do ataque diário de claustrofobia”. Dia 12, 26 de março de 2020. (Foschini, 2021, p. 46).

Antes de no mundo ser decretado o estado de alerta, estávamos com as nossas rotinas egoístas e voltados somente para o nosso interesse. A evolução de afeto demonstrada pelos adultos e órgãos de cuidados de *pets* sempre estava se ampliando. Diz Amanda em 26 de março de 2020:

Aproveitaria a reclusão para ajeitar a casa, fazer esfoliação de café no corpo, ler e talvez estudar um pouco de francês. Usaria esse tempo para fazer tudo o que preciso/quero, mas que sempre deixo pra lá quando a vida acontece lá fora. (Foschini, 2021).

E tanto seu animalzinho, como a própria Amanda, que sentia muita falta da sua rotina e expressa a saudade de cães de pessoas que apenas se encontravam nos passeios. Quando Amanda disse em 26 de março de 2020:

Sinto falta dos que levavam seus cachorros ao mesmo parque que eu: a dona do Milo, o dono do *Brownie*, o dono da Angela. Eu não sei o nome deles (eles também não sabem o meu), mas nos encontrávamos todos os dias [...]. (Foschini, 2021, p. 46).

Foram inúmeras as sensações de saudade que nem sabemos por onde começar a explicar, o fato é que as preocupações vieram de todos os lados. Muitos tiveram que aguentar o isolamento de seus donos, presos a um apartamento. Na Europa, eles sofreram mais. Para Amanda, essa preocupação esteve o tempo todo presente, e era possível “sentir”, principalmente porque ela sempre o citava em seu diário.

Ainda falando sobre as categorias funcionais com a obra, que estão atreladas as escritas diarísticas, da relação do crescimento pessoal de abrir mão do olhar de si em favor do outro. Reforçamos que as escritas foram *online* e, portanto momentaneamente, muitas pessoas tinham acesso aos seus sentimentos. Em muitas vezes se comunicando e trocando ideias com a autora do diário.

Aqui terminamos as análises dos assuntos que selecionamos dos dois diários e que diferem ou se aproximam dos nossos dias. A seguir, apresentaremos reflexões sobre os novos suportes que auxiliam as narrativas diarísticas.

## 5 NOVOS SUPORTES QUE AJUDAM A NARRAR UM DIÁRIO

*Blogs e vlogs* são as formas atuais que o mundo digital nos oferece e as que ganharam maior visibilidade durante a Pandemia, como é o caso da plataforma *PlayStore* que lançou o *Tik tok* e *Podcast* em 2016, mas que se popularizaram mostrando a realidade de muitas pessoas agora em 2020. A diferença, resumidamente, entre os portais *YouTube* e *Tik Tok* é que o primeiro tem suporte para vídeos mais longos (10min.) enquanto que o *Tik Tok*, foca o assunto que se deseja em tempo mais curto (média de 15seg a no máximo 3min.). No *Twitter*, pessoas já expõe seu cotidiano há tempos e o *Facebook*, geralmente conhecido por pessoas mais idosas, é usado para publicar fotos de momentos especiais e isto faz com que outras pessoas possam interagir com comentários. E no *Instagran*, por último e não menos importante, as pessoas compartilham suas experiências em forma de fotografia ou em tempo real (*lives*). Pode-se afirmar, que de 2010 a 2019, foi a era dos *youtubers*, enquanto 2020-2023 está sendo a era dos *tiktokers*, o que prova isso é que o *YouTube*, o *Instagran* e até o *Facebook* ganharam uma sessão só de vídeos que giram em torno de 30 – 90 segundos, ou seja as plataformas tiveram que se adaptar ao interesse e necessidade das pessoas.

Lejeune, em sua pesquisa em meados de 1998, já indicava que a máquina de escrever elétrica, seria ultrapassada, pela mais nova invenção, a que seria a nova “queridinha” do momento, o *Mac* (um modelo silencioso, mas com capacidade de realizar leituras oralmente), além, de conseguir que a escrita e o pensamento andassem juntas, pois, ter que trocar a folha, justamente quando a reflexão está surgindo, ou mesmo ter que escrever tudo novamente, só porque errou uma letra ou outra. Logo, um modelo mais recente o *Powerbook 145*, modelo portátil, recarregável, com 3 quilos aproximadamente e tela de 10 polegadas, poderia acompanhá-lo por onde fosse e então substituído de vez pelo computador. E este acabou conquistando-o até para o trabalho, como ele o fez dedicando o nome deste capítulo “Querida Tela...”. (Lejeune, 2008, p. 316-317).

Vejo aparecer na tela meus pensamentos secretos e conversas fiadas vindas do outro lado do mundo pela Internet. Felizmente existem eclusas. Nenhum vírus nem *voyeurs* nos recantos do meu coração. (Lejeune, 2008, p. 317).

Lejeune aborda um detalhe nesse trecho quando fala também sobre os “recantos do coração” que, felizmente, ainda não estão disponíveis aos demais. Aqui não trata só das experiências dele mesmo, mas de outras experiências pessoais, que ele aponta em seu livro. Hoje em dia o excesso de compartilhamentos de ideias e notícias, na maioria das vezes falsa, levanta a hipótese que “nossa própria experiência nos deixa cegos e as práticas dos outros, a princípio enojados”. (Lejeune, 2008, p. 317).

Aqui, também demonstra uma preocupação especial quanto a sua privacidade, afinal, a partir do momento em que algo toma forma em meio virtual, *online* ou não, nunca mais pode ser apagado ou esquecido, pois mesmo que *delete* da tela do computador, ainda assim ficará armazenado de alguma forma dentro do *drive*.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da última vez que Anne escreveu em seu diário, a dúvida pairou sobre o “acreditar na humanidade”, trazendo um desfecho trágico do livro, acreditando ser o fim de tudo; quando Amanda escreveu seu livro, esta mesma questão torna a aparecer, mas agora de um modo diferente, lembrando que há uma separação de tempo de 80 anos entre as duas escritas, principalmente quando Amanda escreve sobre pessoas: “[...] precisamos uma das outras”, um mundo vazio, não tem graça”. (Foschini, 2021, p. 46). E ela ainda reforçou quando disse: “- É, ‘cuide-se’, porque a sua vida, a minha e de todo mundo... depende disso”. (Foschini, 2021, p. 36). Essa questão nos leva a refletir sobre as relações que unem ou se rompem diante da sociedade que estamos inseridos, frente às atrocidades que muitos presenciaram com nossos semelhantes, nos levando a ver que um homem simples é aquele que encontrou atalhos para a sua realização. Com este trecho reforço que o papel das escritas dos dois diários vai ao encontro dos nossos dias, em especial como organizamos nossos sentimentos e principalmente, como olhamos para o próximo.

O genocídio durante a II Guerra Mundial e que chamamos de “fábricas de morte” – atingiu a todos em algum lugar do mundo. Várias vítimas lançaram mão das escritas de si (testemunharam as vivências, muitas vezes traumáticas), em caráter autobiográfico e deixaram mais que apontamentos, evocaram as reminiscências do passado para manter a sua sobrevivência. Tanto Anne Frank quanto Amanda Foschini deixaram e deixarão marcas memoráveis para o resto da vida em seus leitores. As experiências das autoras dos diários foram escritas no calor dos acontecimentos, dando a sua contribuição sobre os tempos difíceis em caráter de isolamento.

Essas narrativas de vida sugerem uma espécie de negociação entre os desejos mais privados de uma pessoa em preencher um espaço onde o sistema/ justiça falhou. Sobre Amanda e Anne, apontadas como objeto deste estudo, o isolamento de uma foi durante a violência da guerra, enfrentado com a família, os Van Pelz e o Sr. Pfeiffer, todos holandeses com origem judaica e parceiros daquela situação, onde “Hitler tirou a nossa nacionalidade

há tempos”, 09 de Outubro de 1942. (Frank, 2017, p. 71), enquanto Amanda viveu o isolamento pandêmico num outro país e longe da família.

Quanto ao “Diário de Anne Frank” estudado, optamos pela tradução de Mirjam Pressler que preza o texto original em holandês, pois se trata da versão completa do diário com os próprios sentimentos/pensamentos de Anne, já nos seus primeiros escritos como escritora em potencial frente ao mundo que ruía a sua volta. Em relação à tradução brasileira no ano de 1995, chamada de “Edição Definitiva”, de Alves Calado, esta não provém do texto original, mas de uma tradução inglesa autorizada por Otto H. Frank em 1990, que de certo modo causa uma falta de credibilidade frente à literatura autobiográfica e memorialista. Ainda podemos dizer que existe a versão “D” do diário, onde Mirjam Pressler ficou responsável pela nova redação “Obra Reunida”, a qual compilou as 3 obras, os contos, fotos e muitos outros registros, possibilitando uma impressão mais profunda aos estudiosos sobre Anne Frank.

Uma das diferenças entre as autoras dos diários é que Anne Frank escreveu ainda numa tenra idade (13 anos), em que estava descobrindo um mundo sem saber que sua morte já se aproximava. Já Amanda Foschini escreveu um diário aos 35 anos, com experiência de vida mais madura e continua a viver a grandiosidade da vida (agora em 2023, com sua descoberta sobre a maternidade).

Dentre as considerações para este trabalho, é importante dizer que desde que o primeiro diário foi publicado (1947), não há uma versão ilustrada que seja completa, todas as tentativas para a publicação não compreendem o tanto de assuntos que Anne teria escrito em seu diário e a obra iria se tornar cara demais. Há, portanto uma versão ilustrada, mas esta não chega a 50% do conteúdo de todo diário. Já o diário “Respira: Diários da Pandemia” é uma obra artística, rica em ilustrações e colagens, onde é possível ver a manifestação de arte muito apreciada na atualidade, pois os leitores se tornaram mais exigentes do que na época de Anne Frank. Para além da escrita, entra em jogo a interação do escrito com o visual.

Desde o início da II Guerra Mundial em maio de 1940, até seu fim em setembro de 1945, 6 milhões de judeus foram exterminados, sendo que no primeiro ano mais de 100 mil foram mortos só na Holanda. Na Pandemia, o

número de vítimas também foi expressivo, cerca de 6.919.573 mortes em todo o mundo, conforme o site. Já no Brasil conforme o site: o número de vítimas chegou a 706.808 mortos até o momento desta escrita, conforme Ministério da Saúde.

E por último uma similaridade entre as duas autoras é que enquanto Anne Frank exteriorizou suas emoções quando disse: “- espero contar tudo a você [...]”. (Frank, 2017). Amanda Foschini, (no prefácio por Lalai), cita Julio Verne: “se ele fez a volta ao mundo em 80 dias, nós fizemos para dentro de nós mesmas”. (Foschini, 2021)

Mais uma vez a escrita fez com que elas registrassem que estiveram/viveram ali.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. (Col. Os Pensadores).

BIERNATH, André. 'Tenho saudade de sentir o sol': as pessoas que seguem o lockdown desde o início da pandemia de COVID. **BBC News Brasil em Londres**. Londres, 2023. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62834973>. Acesso em: 17 out. 2023.

BRASIL, Coronavirus. Ministério da Saúde. Secretarias Estaduais de Saúde do Brasil, 2023. **Painel de casos de doenças pelo coronavírus 2019 (COVID-19) No Brasil pelo Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 10 nov. 2023.

BBC NEWS BRASIL EM LONDRES. Diário de Anne Frank, 70 anos: a menina que escreveu um livro lido por milhões. **BBC News Brasil em Londres**. Londres, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61266893>. Acesso em: 17 out. 2022.

BETIM, Felipe. Jovens têm choque de consciência sobre privilégios e injustiças do Brasil durante a Pandemia. **El País**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-12/jovens-tem-choque-de-consciencia-sobre-privilegios-e-injusticias-do-brasil-durante-a-pandemia.html>. Acesso em: 27 out. 2022.

CABRAL, Eunice. **Literatura Confessional**. Lisboa: E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/literatura-confessional>. Acesso em: 30 dez. 2009.

CUÉ, Carlos E.; PERÉZ, Claudi; BLAS, Elsa G. Espanha decreta “estado de alarme” por 15 dias por corona vírus. **El País**. Madri. <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-13/espanha-decreta-estado-de-alarme-por-15-dias.html>. Acesso em: 13 mar. 2020.

EDITORA Atena. **Compra de livros aumentou durante pandemia no Brasil**. Ponta Grossa. Editora Atena, [2022], Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/blog/compra-de-livros-aumentou-durante-pandemia-no-brasil>. Acesso em: 15 set. 2023.

**FILHO** interrompe a aula online do pai professor: veja a reação dele. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (35”). Publicado pelo canal Isso você não sabia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ImdpD23-OE0>. Acesso em: 21 out. 2023.

FOSCHINI, Amanda. **Respira: diários da Pandemia**. São Paulo: Marisco Edições, 2021.

HUMAN o filme. Entrevista com Francine – França - #HUMAN. Direção Yann Arthus – Bertrand, 2015. 1 vídeo (4',55"). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=s5zpv-JyBAk>. Acesso em: 17 out. 2022.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Edição integral autorizada por Otto H. Frank e Myrjam Pressler. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FRANK, Casa Anne. **Para além do diário de Anne Frank**. São Paulo: LeYa, 2016.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 47ª ed. Tradução de Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

FRANK, Anne. **Obra Reunida**. Tradução de Cristiano Zwiesele do Amaral. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FRANK, Anne. **Querida Kitty: Um romance epistolar**. Tradução de Karolien van Eck, Ana Laria. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ. O que é período de incubação e qual o período de incubação do novo coronavírus? **Covid-19: Perguntas e Respostas**, Rio de Janeiro, mar., 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-periodo-de-incubacao-e-qual-o-periodo-de-incubacao-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 23 nov. 2023.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GUSDORF, Georges. *Le journal: dire ma vérité*. In: CUNHA, Rubelise (trad.). **Les écriture du moi: ligne de vie** 1. Paris: Odile Jacob, 1991.

HAMMOND, Claudia. BBC Future. Como o isolamento na pandemia pode estar afetando nossa memória. Londres. **BBC Future**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-55174033>. Acesso em: 17 out. 2022.

HERVOT, Brigitte M. **Georges Gusdorf e a autobiografia**. São Paulo: UNESP, 2013.

KONIG, Nanette B. **Eu sobrevivi ao holocausto**. São Paulo: Universo do Livro, 2020.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Primo. **É isto homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

LINDWER, Willy. **Os sete últimos meses de Anne Frank.** São Paulo: Universo dos Livros, 2018.

MORRIS, Hether. **A viagem de Cilka:** baseado em uma história real de amor, coragem e esperança. São Paulo: Universo dos Livros, 2020.

MUNHOZ, Carolina. O anexo secreto de Anne Frank. **Revista Arruaça**, v. 6, 2016. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/o-anexo-secreto-de-anne-frank/>. Acesso em: 17 out. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia. A origem de tudo segundo a Grécia Antiga. **Revista Educa mais Brasil**. [S. l.], jul., 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/mitologia-grega>. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, Felipe. Como soa o sotaque brasileiro para os americanos?. **Letras Academy**, Belo Horizonte, jan., 2023. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/academy/blog/como-soa-o-sotaque-brasileiro-para-os-americanos/>. Acesso em: 05 out. 2023.

OLMI, Alba. **Memória e memórias:** dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 09 -35.

PACETE, Luíz Gustavo. O Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **Revista Forbes Tech**. São Paulo, mar., 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 05 out. 2023.

PINTO, Tales. “Guerra contra Aguirre entre Brasil e Uruguai”. **Brasil Escola**. [S. l.], 2023. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=qual+o+motivo+da+guerra+contra+aguirre&oq=qual+o+motivo+da+guerra+contra+aguirre+&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCCAMQIRigAdIBCjE4NjY1ajFqMTWoAqCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=qual+o+motivo+da+guerra+contra+aguirre&oq=qual+o+motivo+da+guerra+contra+aguirre+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCCAMQIRigAdIBCjE4NjY1ajFqMTWoAqCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 17 dez. 2023.

RICCOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

ROUSSEAU Jean-Jaques. **Confissões**. São Paulo: José Olympio, 1995. (Ediouro).

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SCHOLSS, Eva. **Depois de Auschwitz: a história real e emocionante da meia irmã de Anne Frank que sobreviveu ao holocausto**. Tradução: Amanda Moura. São Paulo: Universo do Livro, 2018.

SPIELGEMAN. Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. Tradução de Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Editora Schwarcz, 2017.

SULLIVAN, Rosemary. **Quem traiu Anne Frank? A investigação definitiva sobre a morte da autora do diário mais famoso do mundo**. Tradução de Ivanir Calado. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2022.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das catástrofes. A literatura do trauma**. São Paulo: UNICAMP, 2001. p.45-58.

SELIGMAN-SILVA, Marcio. O testemunho entre a ficção e o real. *In: História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das catástrofes. A literatura do trauma*. São Paulo: UNICAMP, 2001. p. 375-390.

TORTORETTE, Mônica. Clio, a musa. **Clio, História e Literatura**. 2019. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2019/05/15/clio-a-musa/>. Acesso em: 10 out. 2023.

UNICEF. **Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 27 out. 2022.

VEMENA, Vebeke. Coronavírus: o impacto da doença na saúde mental de adolescentes e jovens. **BBC NEWS BRASIL em Londres**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52157980>. Acesso em 17 out. 2022.

WEINRICH, Harald. **LETE – arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.